

O objetivo geopolítico russo na União Econômica Eurasiática

Felipe Rodrigues de Camargo¹

Resumo

Este presente trabalho tem a prerrogativa de apontar o fator geopolítico russo no processo de construção da União Econômica Euroasiática. Sendo que à Rússia no século XXI vem fortalecendo sua geopolítica tanto no antigo espaço soviético quanto em áreas de interesse em todo globo. A consolidação do espaço Eurasiático encaixa-se na conceituada teoria de Mackinder - teoria do *Heartland* -, cuja síntese teórica aponta à consolidação desse espaço como importante meio de obter condição de galgar hegemonia nas relações geopolíticas. Sendo assim, este trabalho abordará o histórico conceitual da geopolítica russa, ou seja, inicia-se com o fortalecimento dos conceitos geopolíticos clássicos que muito envolvem o cerne conceitual da teoria geopolítica russa.

Palavras-Chave: Rússia; Geopolítica; União Econômica Eurasiática.

El objetivo geopolítico ruso en la Unión Económica Euroasiática

Resumen

Este documento tiene la prerrogativa de señalar el factor geopolítico ruso en el proceso de construcción de la Unión Económica Euroasiática. Sin embargo, desde que Rusia en el siglo XXI ha estado fortaleciendo su geopolítica tanto en el antiguo espacio soviético como en áreas de interés en todo el mundo. La consolidación del espacio eurasiático encaja en la muy respetada teoría de Mackinder, Heartland, cuya síntesis teórica apunta a la consolidación de este espacio como un medio importante para ganar hegemonía en las relaciones geopolíticas. Por lo tanto, este trabajo abordará la historia conceptual de la geopolítica rusa, es decir, comienza con el fortalecimiento de los conceptos geopolíticos clásicos que, en gran medida, involucran el núcleo conceptual de la teoría geopolítica rusa.

Palabras clave: Rusia; Geopolítica; Unión Económica Euroasiática.

Introdução

A Geopolítica tem uma importância fundamental, sobretudo no que se refere às relações entre Estados e particularmente quando estes apresentam expressividade militar e territorial, como é o caso da Rússia, que ganha centralidade no pensamento geopolítico ocidental à partir de Halford John Mackinder (1904), a partir da teoria do “*Heartland*”,

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNESP - Rio Claro.

descrevendo a área que vai do centro europeu ao Cáucaso como de grande potencialidade. Em suma, essa teoria afirma a existência dessa região como pivô central das disputas mundiais, por ser rica em reservas minerais, terras e flora, além de condições geomorfológicas para grandes deslocamentos e da presença de grandes rios, assim tornando-se um local cobiçado, segundo o autor. Assim, quem a obter o controle dessa região terá grandes condições de controlar o mundo.

Evidentemente que este processo também se estabelece pela trajetória política que o Estado russo assume após a revolução bolchevique, em 1917, e se materializa como foco de preocupação ocidental dada sua capacidade de influência ao final da II^a Guerra Mundial, onde teve participação decisiva na derrota nazista. À partir de desse momento, a Rússia coloca-se como líder de um dos três grandes blocos econômicos mundiais (Bloco dos Desenvolvidos, dos Socialistas e dos Subdesenvolvidos).

No plano das grandes diretrizes geopolíticas mundiais, o que se tem como concretude é um quadro de bipolarismo, marcado, de um lado, pela hegemonia dos EUA sobre os países capitalistas, e de outro, da URSS sobre os países socialistas. Nesse panorama o conflito direto entre os líderes dos blocos nunca ocorreu, sendo o teatro as regiões subdesenvolvidas: Coreia, Vietnã, Irã-Iraque e, principalmente, Crise dos Misseis de Cuba (SARAIVA, 2001).

A Rússia tem um passado de grande atividade geopolítica e que vem sendo retomada nos últimos anos (LAZZARI, 2010), no seu engajamento contra os Estados hegemônicos, desde a atuação militar em prol de seu interesse na Geórgia (KAKACHIA, 2008), a anexação da Crimeia (SLOBODA, 2014), as parcerias com países emergentes e o uso de seus recursos para pressionar politicamente a Europa, como o caso dos cortes no suprimento de gás à Alemanha. Portanto, o próprio espaço Eurasiano, anteriormente quase todo confinado à extinta União Soviética, torna-se um compromisso nacional para a retomada geopolítica do Estado Russo independente.

A partir desse resgate geopolítico russo, o presente trabalho focar-se-á no processo de integração do espaço eurasiático com a ótica no desenvolvimento das relações comerciais da União Econômica Eurasiática como processo de integração regional.

Geopolítica e protagonismo Soviético-Russo

O desmembramento da União Soviética decorre da grande crise na estrutura econômica e social herdada de políticas mal aplicadas e grande repressão social dos tempos de comunismo (RODRIGUES, 2006).

Tem início assim o acelerado movimento de desmoronamento dos pilares do socialismo soviético com a queda do muro de Berlim em 1989 e dos governos socialistas dos países que gravitavam na sua órbita de influência, culminando em 1991 com a dissolução da União Soviética. A antiga Rússia perde desse modo o controle e a influência não apenas nos países das suas regiões circunvizinhas (as ex-Repúblicas Socialistas tornam-se independentes), bem como de toda a Europa Centro-Oriental e dos Balcãs, processo no qual foi emblemática a absorção da Alemanha Oriental pela Alemanha Federal. (COSTA, 2015, s.p.).

O estado econômico calamitoso prossegue devido aos sucessivos planos econômico de baixo resultado, aplicados por Mikhail Gorbachev (1985–1991) e Boris Iéltsin (1991–1999) (COSTA 2008), onde a passagem de uma estrutura soviética estatizada para o livre mercado capitalista de forma abrupta - a chamada “Terapia de Choque” - só resultou na diminuição do controle econômico pelo Estado. O considerável nível de corrupção, que os altos funcionários do antigo regime perpetraram, se aproveitando do momento para o enriquecimento próprio, também foi um agravante (RUTLAND, 2013). A Rússia se mostrava deploravelmente desestruturada, social e economicamente, não mais conseguindo se posicionar como uma potência global.

A diminuição de sua capacidade de liderança geopolítica mundial se acentua diante do fracasso da intenção de manter unidos os Estados da ex-URSS, a partir da organização da CEI (Comunidade dos Estados Independentes). Foi observando a dissidência dos Estados do Báltico, que se alinharam rapidamente à OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte):

Após o colapso soviético, a Rússia precisou se reposicionar no sistema internacional. Seus antigos aliados no Leste Europeu caíram sob o domínio da OTAN. Herdeira do aparato militar da antiga URSS e detentora ainda do maior território do planeta, a Rússia viveu de 1991 a 1998 numa espécie de “vácuo geopolítico”, onde não tinha ao certo uma orientação ideológica e/ou geoestratégica definida (SOUZA, 2012, p.2).

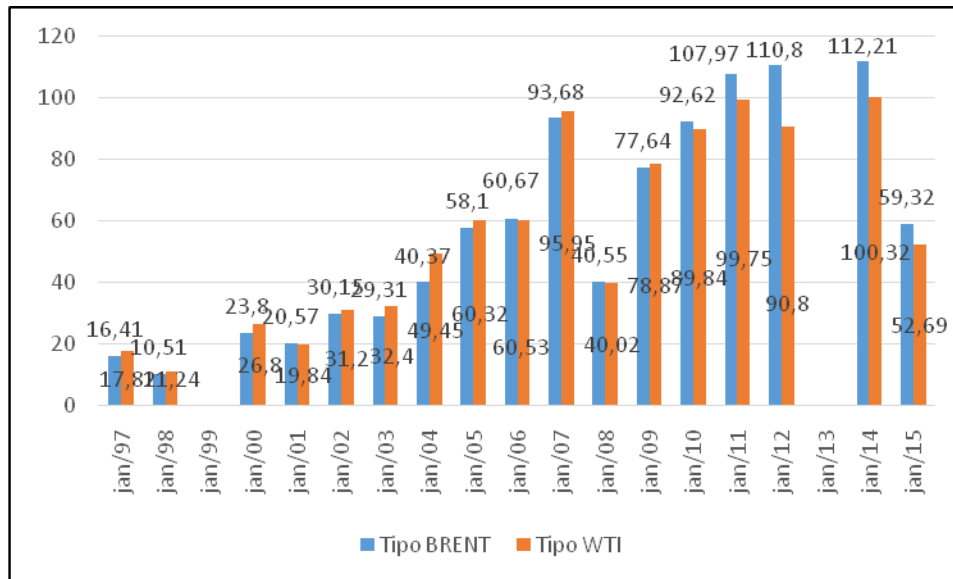
Aproveitando-se desse "vácuo geopolítico" na antiga área de influência soviética (PEREIRA 2013; SOUZA, 2012), os Estados Unidos se aproveitaram para avançar o cerco à Rússia a fim de evitar que ela em longo prazo retomasse o controle dos territórios soviéticos:

Quando se olha a década de 1990, do ponto de vista desse projeto imperial e do seu expansionismo militar, muito antes dos ataques terroristas, compreende-se melhor a rapidez e as intenções geopolíticas da ocupação americana dos territórios fronteiriços da Rússia, que haviam estado sob influência soviética até 1991. O movimento de ocupação começou pelo Báltico, atravessou a Europa Central, a Ucrânia e a Bielorrússia, passou pela "pacificação" dos Bálcãs e chegou até a Ásia Central e o Paquistão, ampliando as fronteiras da OTAN, mesmo contra o voto dos europeus. Ao terminar a década, a distribuição geopolítica das novas bases militares norte-americanas não deixa dúvidas sobre a existência de um novo "cinturão sanitário", separando a Alemanha da Rússia e a Rússia da China, e sobre a existência de um novo poder militar global, com o controle centralizado de uma infraestrutura mundial de poder, com mais de 700 bases ao redor do mundo, com acordos de "apoio militar recíproco" com cerca de 130 países, com o controle soberano de todos os oceanos e com a capacidade de intervenção quase instantânea em qualquer ponto do espaço aéreo mundial. (FIORI, 2007, p. 88).

Na ótica da reestruturação econômica, a Rússia nos anos 1990 foi auxiliada pelo aumento dos preços do barril de petróleo, explicitando esse processo ao indicar a alta desses preços a partir de 1998.

Apenas faça o comparativo – de US\$ 8 em agosto de 1998 para US\$ 70 hoje. Tudo isso facilitou o crescimento econômico nos anos 90 que foi um dos mais expressivos da história até a crise asiática de 1998. Imagine como estariam os preços no mercado global atualmente se a Rússia continuasse a tradição soviética alocando metais, petróleo, madeira e outros recursos para suas necessidades militares. (GRIGORIEV *apud* PEREIRA, 2013, p. 4).

Gráfico 1: Evolução do Preço do Barril de Petróleo dos Tipos BRENT e WTI - 1997-2015, em US\$



Fontes: Platt's Crude Oil Marketwire; ANP.

Demonstrado pelo Gráfico 1, os preços só tiveram dois picos de grandes quedas dos preços (2008 e 2014), mantendo os preços elevados por quase duas décadas.

Não somente favorecendo o desenvolvimento econômico, o petróleo, propiciou à Rússia retomar sua capacidade de coerção, dada a grande necessidade de seus hidrocarbonetos (petróleo e derivados) pela Europa, em especial a Alemanha (SILVA, 2007; SCHUTTE, 2012). Mas o potencial geopolítico baseado no petróleo apresenta alguns pontos críticos, como referidos por Senhoras:

Se, de um lado, a Ucrânia é um país cativo do fornecimento russo de aproximadamente 70% do petróleo e 90% do gás natural consumidos, de outro lado, a Rússia é refém da localização geográfica da Ucrânia, uma vez que ela é canal de passagem dos fluxos de petróleo e gás russos para a Europa Ocidental. Os jogos de poder em que estão envolvidos os dois países após o fim da União Soviética, o conseqüente distanciamento da Ucrânia em relação à Comunidade dos Estados Independentes (CEI) liderada pela Rússia e sua aproximação crescente com a Europa Ocidental por meio da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) têm levado sistematicamente a um distanciamento entre ambos os países (SENHORAS, 2009, s.p.).

Com a subida de Vladimir Putin ao poder da Rússia nos anos 2000, sua principal meta era reorganizar a política e a economia (FERREIRA, 2011; BONILLA, 2012; RUTLAND, 2013). Putin teve o desafio de manter a integridade territorial da Rússia e o desbaratamento do terrorismo de grupos minoritários (MORENO, 2004; RÍOS, 2004).

A formação de Putin ocorreu na antiga KGB, e seu governo se caracteriza por ser de forte estrutura e disciplina, claramente baseada no “modelo prussiano”, cujo caráter é de imposição, de pouca participação social e foco militarista.

Durante a “era Putin”, a Rússia manteve a economia de mercado. O presidente russo recentralizou o poder, reconstituiu o Estado e a economia russa, reerguendo seu complexo militar-industrial e nacionalizando seus vastos recursos energéticos. Detentor do segundo maior arsenal nuclear do planeta, o novo governo russo alertou os Estados Unidos, ainda no ano de 2000, para a possibilidade de uma nova corrida nuclear, caso continuassem com seu projeto de desenvolvimento de um “escudo antibalístico” na Europa Central – mais precisamente na República Tcheca e Polônia. Após 2001, a economia russa se recompôs e acelerou seu crescimento, liderada pelas grandes empresas estatais do setor energético e de produção de armamentos. Dessa forma, no início de 2007 o país já havia atingido seu nível de atividade econômica anterior à sua grande crise de 1998. (COSTA JÚNIOR, 2014, p. 4).

A Rússia procura desde então a retomada de seu protagonismo mundial, investindo em novas parcerias estratégicas com nações consideradas “párias” pelo Ocidente, como Irã e Venezuela, mas principalmente manteve o foco na consolidação dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul). Aliás, Putin “articulou a formação dos BRICS, que acabaram de criar um banco comum” (COSTA JÚNIOR, 2004, p. 4). Claramente a Rússia se focou nas brechas abertas pelas forças hegemônicas

Diante desse cenário, o país emerge como parceiro importante cuja inserção internacional é marcada por uma nova abordagem, que não exige vinculações políticas ou compromissos ideológicos. Atualizadas sua estratégia e dinâmica em suas relações comerciais internacionais, a Rússia vai se libertando paulatinamente da visão de “país vencido” no pós-Guerra Fria.

A participação em coalizões representa um dos elementos substantivos para compreendermos de que modo a Rússia está inserida na lógica dos países emergentes. Nos tempos de URSS, a celebração de alianças e parcerias comerciais com o país socialista possuía um significado adicional,

de caráter político: significava um posicionamento frente à dinâmica bipolar (JULIÃO, 2010, p. 9).

Assim, a Rússia vai assumindo um papel de destaque agregando nações com potencialidade, ainda que de baixa projeção, para formar um grupo de países que se opõem aos líderes europeus e EUA.

Essa perspectiva consolida a Rússia em um grupo internacional de desenvolvimento econômico conjunto, atuando também em ações mais belicosas, algumas já executadas em investidas na Chechênia, Geórgia e Ucrânia, que impactaram significativamente na estrutura da segurança regional. Os temores mackinderianos de uma União do *Heartland* pareciam se materializar novamente, agora na forma da União Econômica Eurasiática, com alta relevância no processo geopolítico russo.

União Econômica Eurasiática

A União Econômica Euroasiática apresentou-se como uma entidade supranacional restrita às relações econômicas, sendo os países membros a Rússia, Belarus, Armênia, Cazaquistão e Quirquístão. Seu histórico é parecido com outras entidades supranacionais. Em seu site oficial é descrito:

A União Econômica Eurasiática é uma organização internacional para a integração econômica regional. Possui personalidade jurídica internacional e está estabelecida pelo Tratado da União Econômica Eurasiática.

A UEE prevê a livre circulação de bens, serviços, capital e mão-de-obra, promove uma política coordenada, harmônica e única nos setores determinados pelo Tratado e acordos internacionais na União.

Os Estados-Membros da União Econômica Eurasiática são a República da Armênia, a República de Belarus, a República do Cazaquistão, a República do Quirguizistão e a Federação Russa.

A União está sendo criada para atualizar de forma abrangente, aumentar a competitividade e a cooperação entre as economias nacionais e promover o desenvolvimento estável para aumentar (*Eurasian Economic Union 2018*, s.p., tradução nossa).

A entidade surgia com a proposta de homogeneizar economicamente a região, portanto, era uma proposta geopolítica de integrar o espaço eurasiático apenas por vias econômicas e sociais. Previa, ainda, a liberdade nas relações econômicas bilaterais, fora da União:

Questões relativas a tarifas antidumping e compensatórias, tanto adotadas pelos membros como por países terceiros também são monitoradas e atualizadas. A União pode, segundo o Artigo 49, aplicar medidas protecionistas com o objetivo de defender a produção interna e seu desenvolvimento.

O bloco também pode negociar Tratados de Livre-comércio (TLC) com países terceiros. [...]

[...]A política comercial do bloco é, portanto, resultado da negociação e acomodação de interesses distintos entre os países, não se caracterizando uma imposição da vontade russa sobre as demais economias. A adoção da TEC² preservou os interesses de cada país e o bloco tem a autonomia para adotar medidas que corrijam desequilíbrios existentes nessa área. (BODENEZE, 2015, p. 47).

No geral, o tratado, que celebrou o projeto econômico Eurasiático, tem vários artigos que promovem o processo de desenvolvimento e construção de patamares sociais igualitários, ou seja, tentar construir um espaço econômico homogêneo, mas também há controles econômicos de caráter individual dos membros, impedindo políticas muito destoantes e que causem impactos negativos aos países membros:

O Artigo 61 do Tratado fundador do bloco propõe normas fixas que devem ser seguidas por todos os Estados, de forma a impedir que decisões macroeconômicas unilaterais de um Estado tenham efeitos negativos nos demais. Estas regras envolvem controle rígido do déficit público (não pode ser maior que 3% do PIB); inflação (não pode exceder em mais de 5% em relação ao Estado-membro com menor inflação); e dívida do setor público (não pode ser maior que 50% do PIB). (BODANEZE, 2015, p. 47).

Observa-se factualmente as exportações russas para a Belarus a partir do ano anterior a assinatura do tratado como forma de compreender o impacto econômico do projeto da UEE.

² Tarifa Externa Comum.

Tabela 1. Principais Produtos da Rússia Exportados à Belarus - 2014 a 2016

Exportação			
Ano	Produto	Milhões de Dólares	Porcentagem do Total Exportado
2014	Petróleo Cru	7.750	38%
	Gás Natural	3.420	17%
	Sucatas de Ferro	374	1,8%
	Carros	240	1,2%
	Motores a Combustão	141	0,7%
	Valor Total	20.000	100%
2015	Petróleo Cru	5.600	36%
	Gás Natural	2.630	17%
	Sucatas de Ferro	269	1,7%
	Carros	228	1,5%
	Eletricidade	123	0,79%
	Total	15.500	100%
2016	Petróleo Cru	4,01	29%
	Não Especificado	2.710	19%
	Petróleo Refinado	490	3,5%
	Carros	274	1,9%
	Sucatas de Ferro	243	1,7%
	Total	14,1	100%

Fonte: OEC (2019).

A Tabela 1 indica que as exportações russas à Belarus decaem em valores totais de 2014 para 2015, e novamente deste para 2016 (no período houve uma diminuição de 5,9 milhões de dólares). E com relação aos artigos exportados, observa-se a grande participação do petróleo cru e gás natural, que somados representaram 55% das exportações russas em 2014, 53% em 2015 e 48% em 2016. Uma pauta, portanto, basicamente de artigos primários (os únicos artigos de maior valor agregado são carros e motores, mas em baixos valores).

Tabela 2. Principais Produtos da Belarus Importados da Rússia - 2014 a 2016

Importação			
Ano	Produto	Milhões de Dólares	Porcentagem do Total Importado
2014	Petróleo Refinado	1.060	7,2%
	Queijo	788	5,3%
	Caminhões de Entrega	654	4,4%
	Leite Concentrado	617	4,1%
	Tratores	474	3,3%
	Total	14,9	100%
2015	Queijo	630	6,2%
	Leite Concentrado	460	4,5%
	Caminhões de Entregas	434	4,3%
	Petróleo Refinado	372	3,7%
	Carne Bovina	342	3,4%
	Total	10.100	100%
2016	Queijo	616	6,6%
	Caminhões de Entregas	461	4,9%
	Leite Concentrado	401	4,3%
	Manteiga	288	3,1%
	Carne Bovina	282	3%
	Total	9,41	100%

Fonte: OEC (2019).

De acordo com a Tabela 2, a Rússia importou da Belarus no período analisado basicamente produtos alimentícios, carnes, queijos e leite, também caminhões, tratores e petróleo, ou seja, artigos diversificados. Contudo os valores de importação são também decrescentes nesses três anos, em 5,5 milhões de dólares.

Tabela 3. Principais Produtos da Rússia Exportados ao Cazaquistão - 2014 a 2016

Exportação			
Ano	Produto	Milhões de Dólares	Porcentagem do Total Exportado
2014	Petróleo Refinado	1.190	8,6%
	Carros	1.140	8,2%
	Caminhões de Entregas	223	1,6%
	Vagões Ferroviários	215	1,6%
	Tubos de Ferro	204	1,55%
	Total	13.800	100%
2015	Petróleo Refinado	883	8,4%
	Carros	601	5,7%
	Aviões, Helicópteros, e/ou Espaço Naves	256	2,4%
	Estruturas de Ferro	202	1,9%
	Minério de metais preciosos	195	1,9%
	Total	10.500	100%
2016	Petróleo Refinado	715	7,6%
	Não Especificado	466	4,9%
	Carros	180	1,9%
	Minério de metais preciosos	168	1,8%
	Pneus de Borracha	158	1,7%
	Total	9.430	100%

Fonte: OEC (2019).

Analisando a Tabela 3, observa-se que as exportações russas ao Cazaquistão não foram tão diferentes da Belarus; ao longo dos três anos elas diminuem em 4,470 milhões de dólares. E os artigos, nos dois primeiros anos, são mais concentrados no petróleo refinado e nos carros, abrangendo, respectivamente, 16,8% e 14,1% das exportações.

Tabela 4. Principais Produtos do Cazaquistão Importados pela Rússia - 2014 a 2016

Importação			
Ano	Produto	Milhões de Dólares	Porcentagem do Total Importado
2014	Minério de Ferro	733	11%
	Ligas Metálicas	489	7,2%
	Produtos Químicos Radioativos	393	5,8%
	Computadores	386	5,7%
	Briquetes de Carvão	385	5,7%
	Total	6.760	100%
2015	Petróleo Cru	609	13%
	Produtos Químicos Radioativos	503	11%
	Minério de Ferro	377	8,1%
	Oxido de Alumínio	340	7,3%
	Briquetes de Carvão	260	5,6%
	Total	4.660	100%
2016	Minério de Ferro	381	11%
	Oxido de Alumínio	319	8,8%
	Produtos Químicos Radioativos	208	5,8%
	Briquetes de Carvão	204	5,7%
	Ferro Laminado Plano Revestido	182	5%
	Total	3.610	100%

Fonte: OEC (2019).

Na Tabela 4, os valores das importações russas advindas do Cazaquistão também apresentam diminuição considerável de valores: nesses três anos decaíram 3,150 bilhões de dólares. Os artigos importados não se alteraram em suas classificações, sendo em sua maioria *commodities*, produtos primários de pouco valor agregado. A única exceção significativa é para os computadores que aparecem em 2014, e que após o acordo não se encontram mais dentre os cinco principais produtos.

Tabela 5. Principais Produtos da Rússia Exportados à Armênia - 2014 a 2016

Exportação			
Ano	Produto	Milhões de Dólares	Porcentagem do Total Exportado
2014	Gás Natural	366	36%
	Petróleo Refinado	182	18%
	Trigo	84	8,5%
	Alumínio Bruto	52,4	5,3%
	Reatores Nucleares	19,1	1,9%
	Total	993	100%
2015	Gás Natural	323	35%
	Petróleo Refinado	127	14%
	Trigo	55,6	6,1%
	Alumínio Bruto	54,5	6%
	Reatores Nucleares	20,9	2,3%
	Total	916	100%
2016	Não Especificado	299	31%
	Petróleo Refinado	100	10%
	Alumínio Bruto	50,3	5,3%
	Trigo	33,4	3,5%
	Diamantes	32,9	3,4%
	Total	957	100%

Fonte: OEC (2019).

Os produtos russos exportados para a Armênia estão inseridos no portfólio natural da Rússia, ou seja, hidrocarbonetos, artigos minerais de baixo processamento e grãos. Destaca-se os reatores nucleares, podendo ser compreendido a exportação desse artigo dentro do processo de desenvolvimento dos países pertencentes à UEE. Observando os valores totais exportados, houve uma queda de 2014 para 2015, entretanto de 2015 para 2016 ocorreu crescimento nas exportações, em modestos 41 milhões de dólares (Tabela 5).

Tabela 6. Principais Produtos da Armênia Importados pela Rússia - 2014 a 2016

Importação			
Ano	Produto	Milhões de Dólares	Porcentagem do Total Importado
2014	Bebidas Destiladas	132	43%
	Diamantes	35,4	11%
	Filé de Peixe Fresco	16,5	5,4%
	Crustáceos	11,7	3,8%
	Frutas e Nozes processadas	8,33	2,7%
	Total	308	100%
2015	Bebidas Destiladas	69,8	30%
	Queijo	21,5	9,3%
	Filé de Peixe Fresco	8,88	3,9%
	Terno Masculino	6,78	2,9%
	Casacos Masculinos	6,18	2,7%
	Total	230	100%
2016	Bebidas Destiladas	124	33%
	Diamantes	35,3	9,3%
	Tomates	17,6	4,7%
	Uvas	17	4,5%
	Maquinário de Marcenaria	13,7	3,5%
	Total	378	100%

Fonte: OEC (2019).

As importações russas advindas da Armênia em 2014 foram majoritariamente de artigos alimentícios, com foco nas bebidas destiladas, tomando 43% em valores. Contudo, ao longo de 2015 e 2016 outros tipos de produtos vão aparecendo, como roupas e maquinários, demonstrando uma maior complexidade nos produtos advindos da Armênia.

Os valores totais decaem de 2014 para 2015, e voltam a crescer de 2015 para 2016 em 148 milhões de dólares (Tabela 6).

Tabela 7. Principais Produtos da Rússia Exportados ao Quirquistão - 2014 a 2016

Exportação			
Ano	Produto	Milhões de Dólares	Porcentagem do Total Exportado
2014	Petróleo Refinado	981	56%
	Madeira Serrada	52,7	3%
	Ferro Bruto em Barras	39,6	2,3%
	Óleo de Sementes	38,70%	2,2%
	Chocolate	34,9	2%
	Total	1.740	100%
2015	Petróleo Refinado	610	48%
	Óleo de Sementes	36,6	2,9%
	Blocos de Ferro	31,1	2,4%
	Chocolate	28,2	2,2%
	Tabaco em Rolo	22,7	1,8%
	Total	1.270	100%
2016	Petróleo Refinado	377	37%
	Óleo de Sementes	30,9	3%
	Chocolate	29,4	2,9%
	Medicamentos Embalados	22,4	2,2%
	Produtos de Panificação	22	2,1%
	Total	1.030	100%

Fonte: OEC (2019).

Os cinco principais produtos exportados pela Rússia ao Quirquistão foram minerais semi-processados, alimentos, petróleo e produtos agrícolas. Em 2016 ocorre o adendo de medicamentos e produtos para panificação, que envolvem maior valor agregado. O valor

total exportado no período é também declinante, diminuindo de 2014 para 2015 em 470 milhões de dólares, e de 2015 para 2016 em 240 milhões de dólares (Tabela 7).

Tabela 8. Principais Produtos do Quirquistão Importados pela Rússia - 2014 a 2016

Importação			
Ano	Produto	Milhões de Dólares	Porcentagem do Total Importado
2014	Algodão em Rama	15,9	23%
	Tabaco em Rama	10	14%
	Sucata de Cobre	7,02	10%
	Peças de Veículos	5,72	8,2%
	Filamentos Elétricos	4,25	6,1%
	Total	70,1	100%
2015	Petróleo Refinado	22	28%
	Algodão em Rama	8,37	11%
	Vagão Ferroviário	6,93	8,8%
	Peças de Veículos	5,51	7%
	Filamentos Elétricos	4,77	6%
	Total	79	100%
2016	Sucata de Cobre	29,6	17%
	Instrumentos Médicos	14,3	8,4%
	Algodão em Rama	11,6	6,8%
	Maquinas de Processamento de Borracha	11,5	6,7%
	Não Especificado	10,4	6,1%
	Total	171	100%

Fonte: OEC (2019).

As importações russas advindas do Quirquistão, em sua maioria, também apresentam produtos primários de pouco valor agregado, com exceção de 2016 onde aparecem instrumentos médicos e máquinas de processamento de borracha. Em termos de

valores, de 2014 para 2015 houve aumento de 8,9 milhões de dólares, e ainda de 2015 para 2016, aumentando em 92 milhões de dólares, único fluxo comercial bilateral que apresentou constante crescimento (Tabela 8).

No contexto geral, as relações econômicas estabelecidas pela União Econômica Eurasiática não se intensificaram. Em determinadas relações bilaterais, o ano de 2016 apresentou artigos mais complexos, contudo os valores totais tenderam a decair. Ou seja, factualmente, em primeira instância, a UEE não apresentou fortalecimento nos fluxos econômicos, mas como dito por Satrapayev (2015):

Para a Rússia, a criação da UEE não é tanto um projeto econômico, mas sim uma abordagem geopolítica que visa consolidar seu papel de líder. Moscou está preocupada com o fortalecimento da sua posição na região pós-soviética, onde o restabelecimento das esferas de influência entrou em uma fase mais ativa. Quatro países estão envolvidos neste processo: Rússia, Turquia, China e EUA. A Rússia quer fortalecer sua posição neste processo em dois blocos regionais: a Organização do Tratado de Segurança Coletiva (CSTO) e a UEE, que não se destinam a atuar como contrapesos para os EUA, mas sim para a Turquia e a China. Ancara defende a aceleração da união do mundo turcôfono e está tentando ao mesmo tempo assegurar seu papel como um dos novos centros muçulmanos na modernização do islamismo. Além disso, Halil Akinci, secretário geral do conselho de países de língua turca, afirmou que esses países poderiam encontrar uma união aduaneira. Com relação à China, a fundação da UEE é um mecanismo para que a Rússia reduza as atividades econômicas da China na Ásia Central. Não é de surpreender que Moscou esteja atualmente colocando pressão concreta sobre Bishkek e apoia a aceleração da adesão do Quirguistão ao projeto euroasiático. O próximo candidato poderia ser o Tajiquistão. (SATRAPAYEV, 2015, p. 11-12, tradução nossa).

Sendo que a União Econômica Eurasiática é uma arma geopolítica russa para consolidar o antigo espaço soviético e blindar interferências da Turquia e China, forçosamente condicionando a esses países focarem na Rússia como centro das relações econômicas, políticas e de defesa.

Conclusões

Observa-se que o processo geopolítico russo é focar na preservação de seu espaço vital anteriormente definido pelas fronteiras soviéticas, muito esforço é apresentado em estabelecer a Rússia como força uníssona na Eurásia.

A União Econômica Eurasiática não apresenta fortalecimento em seu fluxo financeiro nem de produtos significativos, mas estabelece-se como um grupo que a Rússia protege de estabelecer vínculos mais fortes com países potencialmente fortes e que possam solapar seu poder regional, notadamente Turquia e China.

Portanto, a UEE pode ser encarada como uma manobra geopolítica preventiva, na forma de evitar a repartição do centro eurasiático entre a Turquia e a China, trazendo e reforçando a retórica dos laços passados soviéticos comuns. Contudo, esse grupo supranacional apresenta um indicativo positivo a seus participantes, evocando um princípio de homogeneização, construindo padrões sociais e econômicos mais equivalentes entre os participantes, também importantes para a Rússia como fator geopolítico, onde o fortalecimento da *Heartland* tornaria o Estado controlador mais capaz de exercer seu poder na esfera mundial.

Referências

BODANEZE, Gustavo. 2015. A Liderança da Rússia na Integração Eurasiática. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Econômicas: Economia, Integração e Desenvolvimento - Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política, Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu.

BONILLA, Arturo. 2012. Rusia: Fortalezas y debilidades. Problemas del desarrollo, v. 43, n. 171, p. 161-178. Disponível em <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S0301-70362012000400008&script=sci_arttext> Acessado em 04 de Abr. 2019.

COSTA, Wanderley Messias da. 2008. Geografia Política e Geopolítica: Discursos sobre o Território e o Poder. EdUSP.

COSTA, Wanderley Messias da. 2015. O reerguimento da Rússia, os EUA/OTAN e a crise da Ucrânia: a Geopolítica da nova Ordem Mundial. Confins. Revue Franco-Brésilienne de Géographie/Revista Franco-Brasileira de Geografia, n. 25. Disponível em <<https://confins.revues.org/10551#ftn18>> Acessado em 04 de Abr. 2019.

COSTA JÚNIOR, Pedro Donizete da. 2014. O despertar do urso: a Rússia e seu entorno regional sob a era Putin. Disponível em <http://www.seminario2014.abri.org.br/resources/anais/21/1406532405_ARQUIVO_ABRI2014.pdf> Acessado em 04 de Abr. 2019.

DEFARGES, Phillipe Moreau. 2003. Introdução à geopolítica. Tradução de José Pedro Teixeira Fernandes. Lisboa: Gradiva.

EURASIAN ECONOMIC UNION. 2018 Official Information. Disponível em <<http://www.eaeunion.org>> Acessado em 04 de Abr. 2019.

FERREIRA, Ciro Eduardo. 2011. A (re)integração da Rússia no ocidente: O caso da adesão da Rússia à Organização Mundial do Comércio sob a lógica das relações bilaterais Rússia-EUA (1993-2008). Disponível em <http://www.santiagodantassp.locaweb.com.br/br/simp/artigos2011/ciro_ferreira.pdf> Acessado em 04 de Abr. 2019.

FIORI, José Luís. 2007. A nova geopolítica das nações e o lugar da Rússia, China, Índia, Brasil e África do Sul. OIKOS (Rio de Janeiro), v. 6, n. 2. Disponível em <<http://revistaikos.org/seer/index.php/oikos/article/viewArticle/10>> Acessado em 04 de Abr. 2019.

JULIÃO, Taís Sandrim. 2010. Rússia e as estratégias de um país emergente. Boletim Meridiano 47, v. 10, n. 108, p. 8-10. Disponível em <<http://periodicos.bce.unb.br/index.php/MED/article/download/550/369>> Acessado em 04 de Abr. 2019.

KAKACHIA, Kornely. 2008. A guerra dos cinco dias. Revista Relações Internacionais, n. 20. Disponível em <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/ri/n20/n20a03.pdf>> Acessado em 04 de Abr. 2019.

LAZZARI, Tiago Colombo. 2010. A Política Externa Russa do Início do Século XXI: tendências e perspectivas. Conjuntura Austral, v. 2, n. 3-4, p. Pág. 59-78, 2010. Disponível em <<http://www.seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/download/18214/10938>> Acessado em 04 de Abr. 2019.

MACKINDER, Halford J. The geographical pivot of history (1904). The geographical journal, v. 23, n. 4, p. 421-444, 1904.

MORENO, Alberto Priego. 2004. Beslán: Un punto de inflexión en la lucha contra el terrorismo checheno. UNISCI Discussion Papers, n. 6, p. 11-20, 2004. <<http://revistas.ucm.es/index.php/UNIS/article/download/UNIS0404330011A/28236>> Acessado em 04 de Abr. 2019.

PEREIRA, Tito Lívio Barcellos. 2013. A importância dos recursos naturais na modernização econômica, militar e geopolítica da Federação Russa. Revista de Geopolítica, v. 4, n. 2, p. 1-15. Disponível em <<http://www.revistageopolitica.com.br/ojs/ojs-2.2.3/index.php/rg/article/viewArticle/119>> Acessado em 04 de Abr. 2019.

RATZEL, Friedrich. 1990. Geografia do homem (Antropogeografia). Ratzel. São Paulo: Ática.

RÍOS, Xulio. 2004. Chechenia: el desafío de Putin. Papeles de cuestiones internacionales, n. 87, p. 87-96, 2004. Disponível em <http://www.igadi.org/artigos/2004/xr_chechenia_el_desafio_de_putin.htm> Acessado em 04 de Abr. 2019.

RODRIGUES, Roberio Paulino. 2006. O colapso da URSS: um estudo das causas. 2006. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-11072007-112541/en.php>> Acessado em 04 de Abr. 2019.

RUTLAND, Peter. 2013. Neoliberalism and the Russian transition. *Review of International Political Economy*, v. 20, n. 2, p. 332-362, 2013. Disponível em <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09692290.2012.727844>> Acessado em 04 de Abr. 2019.

SARAIVA, José Flávio Sombra (Ed.). 2001. *Relações internacionais: dois séculos de história. Entre a ordem bipolar e o policentrismo (De 1947 a nossos dias)*. IBRI.

SATPAYEV, D. 2015. Kazakhstan: Economic Integration Without Relinquishing Sovereignty. *The Eurasian Economic Union. Analyses and Perspectives from Belarus, Kazakhstan, and Russia*, Friedrich Ebert Stiftung, p. 11-15. Disponível em <<http://library.fes.de/pdf-files/id-moe/11181.pdf>> Acessado em 04 de Abr. 2019.

SCHUTTE, Giorgio Romano. 2010. *Economia Política de Petróleo e Gás: a experiência russa. Texto para Discussão*, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Disponível em <<https://www.econstor.eu/dspace/bitstream/10419/90985/1/626408229.pdf>> Acessado em 04 de Abr. 2019.

SENHORAS, Eloi Martins. 2009. A geopolítica energética do gás no contencioso Rússia-Ucrânia e seu impacto na União Europeia. *Coluna de Artigos UFRR*. Disponível em <<https://works.bepress.com/eloi/101/download/>> Acessado em 04 de Abr. 2019.

SILVA, António Costa. 2007. A segurança energética da Europa. Disponível em <http://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/1231/1/NeD116_AntonioCostaSilva.pdf> Acessado em 04 de Abr. 2019.

SLOBODA, Pedro Muniz Pinto. 2014. A anexação da Crimeia pela Rússia: uma análise jurídica. Disponível em <<http://www.cedin.com.br/wp-content/uploads/2014/05/Artigo-Pedro-Sloboda.pdf>> Acessado em 04 de Abr. 2019.

SOUSA, Danilo Rogério de. 2012. A Nova Geopolítica Russa e o Eurasianismo. *Revista de Geopolítica*, v. 3, n. 2, p. 61-70. Disponível em <<http://www.revistageopolitica.com.br/ojs/ojs-2.2.3/index.php/rg/article/viewArticle/71>> Acessado em 04 de Abr. 2019.

Recebido em 2019-08-12.

Publicado em 2020-01-01.